



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Mulheres na arbitragem do Rio Grande do Sul
<b>Autor</b>	ANA CAROLINA VIEIRA SILVA
<b>Orientador</b>	SILVANA VILODRE GOELLNER

## MULHERES NA ARBITRAGEM DO RIO GRANDE DO SUL

Ana Carolina Vieira Silva<sup>1</sup>

Pamela Siqueira Joras<sup>2</sup>

Imagine-se assistindo a uma partida de futebol. Você está na arquibancada de um grande estádio, muitos torcedores ao seu lado, o jogo está bem acirrado, foi marcado um pênalti, toda a comissão técnica do time adversário invade o campo para reclamar... Agora, sem pensar muito, responda minhas perguntas: O torcedor ao seu lado, que estava agitado e xingando, era homem ou mulher? O técnico gesticulando ao lado do gramado, era homem ou mulher? Os jogadores, eram homens ou mulheres? O som do apito, junto com o gesto para a marca do pênalti, veio de um homem ou de uma mulher? O assistente que subiu a bandeira para auxiliar na marcação do pênalti, era homem ou mulher? A grande maioria dos brasileiros iriam responder que imaginaram homens, o futebol na nossa cultura pertence ao universo masculino, assim como Bandeira e Seffner trazem o “estádio de futebol é um contexto cultural específico que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades” (2013, p 247).

Entretanto, algumas mulheres estão conquistando cada dia mais espaços, sejam elas como jogadoras, gestoras, torcedoras ou árbitras. E descobrir as motivações e dificuldades das seis árbitras que estão atuando no quadro da Federação Gaúcha de Futebol é o objetivo desse trabalho. Dar visibilidade e protagonismo para as mulheres que, normalmente, são postas às margens da prática desse esporte.

A metodologia utilizada será a história oral, que busca recontar fatos através das sensações que as pessoas tiveram, sendo vista também como uma fonte de pesquisa e investigação científica (GOELLNER et. al, 2007). O Garimpando Memórias é a ferramenta utilizada para realizar e processar as entrevistas das mulheres investigadas nesse estudo,

“[...]cujo objetivo geral é a reconstrução e preservação da memória das práticas corporais e esportivas do Rio Grande do Sul. Sua principal ação está direcionada para coleta de depoimentos de pessoas que tiveram e tem relevância no campo da estruturação e legitimação dessas práticas, sejam elas individuais, de grupos/clubes sociais e de instituições.” (GOELLNER et. al, 2007, p. 40)

---

<sup>1</sup> Graduanda em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aninha\_3025@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pamelas.joras@gmail.com.

Na entrevista as árbitras serão convidadas a falar sobre suas trajetórias, motivações, dificuldades, desejos e situações inusitadas de suas atuações. São elas, na categoria A: Andreza Vanni Mocelin, Luiza Naujorks Reis e Maíra Mastella Moreira. E na categoria C: Ariela Duarte da Silveira, Estefani Adriati Estrela da Rosa e Taís Regina Ruver. E principalmente expressar seus sentimentos quanto a estarem inseridas em um universo masculino.

O resultado das buscas por publicações sobre mulheres na arbitragem foi encontrado o trabalho de Igor Chagas Monteiro, “Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional”, sua dissertação de mestrado. Ele entrevistou 10 árbitras que atuaram nas décadas de 1980, 1990 e 2000. Além desse também temos o estudo da Lilian Kirsch de Farias, “AS ÁRBITRAS MULHERES: aspirações e expectativas em torno de uma profissão.”, que pesquisou as aspirações de 14 mulheres que participaram de um curso realizado pela Federação Gaúcha de Arbitragem em 2014.

A presente pesquisa ainda está em andamento, as entrevistas estão sendo realizadas e processadas. Por enquanto a árbitra assistente Ariela Duarte já aceitou o convite e falou um pouco sobre sua carreira. A entrevista teve um carácter bem emocional, ela trouxe impressões fortes e específicas sobre a arbitragem. No seu entendimento

“[...] acho que a mulher tem que ocupar o lugar que ela quer. Tem muitas meninas que querem jogar [...] e hoje, graças a Deus e a toda mobilização que está acontecendo elas tem oportunidade de jogar sem serem criticadas. Mais ou menos, eu sei, mas muito mais do que cinco anos atrás.”  
(DUARTE, 2018, s/p)

A falta de árbitras centrais mulheres na Federação Gaúcha, assim como a pouca valorização das que atuam por parte da mídia e da sociedade como um todo, faz com que o nosso trabalho ganhe força. A representatividade é importante seja no âmbito político e social, assim como no futebol. As árbitras do estudo representam muitas outras mulheres que aspiram nessa carreira e não encontram apoio para seguir em frente. Portanto, ouvir e (re)conhecer a trajetória e as impressões dessas mulheres é o nosso grande objetivo, dar reconhecimento e visibilidade à quem também constrói a história da arbitragem no país.

## **Referências**

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. Espaço Plural. Toledo, v.14, n.29, 2013.

FARIAS, Lilian Kirsch de . As mulheres árbitras : aspirações e expectativas em torno de uma profissão. 2014. 40 p. Conclusão de curso (Bacharela em Educação Física)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em:  
<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/116151/000964697.pdf?sequence=1>>.  
Acesso em: 18 maio 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre ; JAEGER, Angelita Alice (Org.). Garimpando Memórias: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança. Porto Alegre: UFRGS, 2007. 178 p.

MONTEIRO, Igor Chagas . Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional. 2016. 129 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Universidade Federal

de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016. Disponível em:  
<<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3151/1/igorhagasmonteiro.pdf>>. Acesso em:  
18 maio 2018.

SILVEIRA, Ariela Duarte da. Depoimento de Ariela Duarte. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2018.